



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**DAMIANA VICTÓRIA GUSMÃO
MARQUES DOS SANTOS**

**Educação em Ciências, Gênero e Sexualidade: Investigando Perspectivas
Emancipatórias nas Publicações do ENPEC**

**MACEIÓ, AL
2024**

**DAMIANA VICTÓRIA GUSMÃO
MARQUES DOS SANTOS**

**Educação em Ciências, Gênero e Sexualidade em abordagem emancipatória: Uma
análise das publicações do ENPEC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas, como parte da exigência para a
obtenção do grau de Licenciada em Ciências
Biológicas.

Orientadora: Raíza Padilha Scanavaca

**MACEIÓ, AL
2024**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB-4 –661

- S237e Santos, Damiana Victória Gusmão Marques dos.
Educação em ciências, gênero e sexualidade em abordagem emancipatória : uma análise das publicações do ENPEC / Damiana Victória Gusmão Marques dos Santos. – 2024.
46 f. : il.
- Orientadora: Raíza Padilha Scanavaca.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Maceió, 2024.
- Bibliografia: f. 39-41.
Apêndices. f. 42-46.
1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Educação sexual emancipatória. 4. Educação básica.
5. Encontros Nacionais de Pesquisa em Ensino de Ciências (ENPEC).. I. Título.

CDU: 57.017.5:373.3

FOLHA DE APROVAÇÃO

DAMIANA VICTÓRIA GUSMÃO MARQUES DOS SANTOS

Educação em Ciências, Gênero e Sexualidade: Investigando Perspectivas Emancipatórias nas Publicações do ENPEC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, como parte da exigência para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Data de aprovação: 04/11/2024.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **RAIZA PADILHA SCANAVACA**
Data: 23/11/2024 17:24:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Msª Raíza Padilha Scanavaca
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus AC. Simões (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **GIANA RAQUEL ROSA**
Data: 23/11/2024 17:43:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Giana Raquel Rosa
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus AC. Simões (Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 **JULIO CESAR DE OLIVEIRA SANTOS**
Data: 25/11/2024 09:47:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof Dr. Júlio César de Oliveira Santos
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus AC. Simões (Examinador)

"Na interseção de vozes e silêncios, a educação se torna um espaço de transformação, onde a coragem de ser quem somos se entrelaça com a sabedoria de respeitar a diversidade. Somente quando reconhecemos a beleza da pluralidade, podemos construir um futuro onde todos têm voz e espaço para florescer."

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos mistérios do universo, às forças superiores, aos deuses existentes, que nos momentos mais desafiadores, me concederam coragem e resiliência para seguir adiante, me inspirando a nunca desistir.

À minha família, meu pai Cosmo, minha avó Lúcia, minha tia Aline, vocês são minha base e fortaleza, devo minha mais profunda gratidão. Seu apoio incondicional, presente em cada momento, foi o que me sustentou e fortaleceu para que eu pudesse avançar nesta jornada. Sem vocês, cada conquista teria sido mais difícil, e cada passo, menos firme.

Aos meus amigos, minha gratidão vai muito além das palavras. Em cada desabafo e em cada incentivo, vocês foram essenciais, oferecendo apoio, compreensão e leveza nos momentos mais desafiadores. Sem a presença e o apoio de vocês, este caminho teria sido incomparavelmente mais árduo. Obrigada por caminharem ao meu lado, tornando cada obstáculo mais leve e cada conquista mais significativa.

Aos meus colegas de turma, com quem compartilhei essa caminhada intensa e transformadora, deixo minha gratidão mais profunda. Levarei comigo as lembranças das palavras de incentivo, do carinho sincero, das risadas que nos uniram e dos desabafos que aliviaram nossos dias. Nossa convivência, repleta de alegrias e desafios, moldou em mim algo precioso que carrego com saudade. Sentirei imensamente a falta de cada um de vocês, de nossa união que tornou essa jornada mais leve e mais significativa. Cada momento ao lado de vocês é uma lembrança que guardarei para sempre no coração.

Agradeço à Universidade Federal de Alagoas (UFAL) por me proporcionar um ambiente acadêmico tão rico e estimulante. A vivência e as experiências que adquiri durante minha trajetória na universidade foram fundamentais para minha formação como educadora. Sou imensamente grata à UFAL por cada oportunidade de aprendizado e crescimento, que moldaram meu caminho e me tornaram professora que sou hoje, sem dúvidas os melhores 4 anos da minha vida.

Agradeço também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento da residência pedagógica, uma experiência que não apenas transformou minha formação acadêmica, mas também moldou minha identidade como educadora. Essa oportunidade única foi um divisor de águas, permitindo-me imergir no cotidiano escolar, onde pude observar, vivenciar e praticar a arte de ensinar. Sem esse apoio, não teria adquirido as habilidades essenciais e o conhecimento necessário para atuar com a paixão, o comprometimento e a responsabilidade que a educação exige. A residência pedagógica não foi apenas um passo na minha trajetória; foi um impulso que me fortaleceu e me preparou para enfrentar os desafios do ensino com confiança e determinação.

A todos que, de algum modo, fizeram parte dessa trajetória — aqueles que me acolheram com palavras de conforto, que pacientemente ouviram meus desabafos e

trouxeram serenidade nos momentos de incerteza — minha mais sincera e profunda gratidão. Vocês foram minha força e minha paz ao longo desta caminhada, acreditando em mim mesmo quando eu duvidei, e me apoiando de forma incondicional. Obrigada por serem parte essencial desse sonho, que só se tornou realidade graças a cada um de vocês.

Em especial, aos meus companheiros de vida, meu amigo Joseph William Lima de Moraes e minha prima Thâmires de Cássia Gusmão Lima, deixo um reconhecimento que transcende o que as palavras podem expressar. Vocês foram meu apoio nos momentos mais difíceis, me ouviram nos desabafos e me ergueram quando eu mais precisei. A amizade e o amor de vocês são um presente que levo para sempre, e saber que tive vocês ao meu lado torna esta conquista ainda mais especial, não sei o que o futuro nos reserva, mas eternamente terei vocês em meu coração.

À minha mãe, Lidiane de Gusmão Marques, minha gratidão é imensurável. Mais do que mãe e amiga, você foi minha orientadora de vida, aquela que me guiou além das palavras, me acompanhando em cada linha desde meu nascimento. Você sempre soube apontar novos horizontes e, em cada momento de dúvida, ofereceu seu apoio, nem sempre silencioso, mas, seu abraço seguro e sua força inabalável me levaram a alcançar outros patamares. Mãe, cada conquista que alcanço é fruto do seu amor e do seu exemplo; você é a base de tudo o que sou e do que ainda desejo ser. Obrigada por ser minha luz constante e meu alicerce eterno. Este sonho só existe por causa de você.

Por fim, mas não menos importante, a memória do meu irmão, Victor Gusmão, que sempre acreditou em mim e sonhou em me ver crescer e me tornar a melhor versão de mim mesma. Sua presença iluminou minha vida e seu apoio foi uma força constante que me impulsionou a seguir em frente. Embora já não esteja fisicamente ao meu lado, sinto sua energia e amor em cada passo que dou. Este momento de grande vitória é tão seu quanto meu, e eu gostaria tanto que você estivesse aqui para compartilhar essa conquista. Sua lembrança é uma luz que guia meu caminho e um lembrete de que a força do amor transcende o tempo e o espaço. Obrigada, Victor, por tudo o que você foi e sempre será para mim. Sinto sua falta a cada dia, mas sei que você está comigo, torcendo e vibrando por mim de onde estiver.

RESUMO:

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa a abordagem de gênero e sexualidade na educação básica, com foco na sexualidade emancipatória, analisando a produção acadêmica dos últimos cinco Encontros Nacionais de Pesquisa em Ensino de Ciências (ENPEC). A pesquisa revisa 23 artigos sobre educação sexual, revelando lacunas significativas na formação docente e na implementação de práticas pedagógicas inclusivas. Os resultados apontam que a escassez de formação específica e de materiais didáticos adequados perpetua uma visão reducionista da sexualidade, dificultando discussões críticas em sala de aula. A análise destaca a influência de movimentos conservadores e barreiras socioculturais que limitam a adoção de uma educação sexual emancipatória. O estudo conclui que é essencial promover formação contínua para educadores e desenvolver um ambiente escolar receptivo, a fim de transformar a educação sexual em um componente fundamental da formação cidadã, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavra Chave: Gênero e Sexualidade. ENPEC. Educação Sexual Emancipatória.

ABSTRACT:

This Course Conclusion Paper analyzes the approach to gender and sexuality in basic education, with a focus on emancipatory sexuality, analyzing the academic production of the last five National Research Meetings in Science Teaching (ENPEC). The research reviews 23 articles on sexual education, revealing significant gaps in teacher training and the implementation of inclusive pedagogical practices. The results indicate that the lack of specific training and adequate teaching materials perpetuates a reductionist view of sexuality, making critical discussions in the classroom difficult. The analysis highlights the influence of conservative movements and sociocultural barriers that limit the adoption of emancipatory sexual education. The study concludes that it is essential to promote continuous training for educators and develop a receptive school environment, in order to transform sexual education into a fundamental component of citizenship training, contributing to a more just and egalitarian society.

Keywords: Gender and Sexuality. ENPEC. Emancipatory Sexual Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- A distribuição das abordagens

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Total de artigos encontrados com os descritores.

Gráfico 2- Total de artigos publicados e artigos com a temática "Sexualidade" por ano.

LISTA DE ABREVIACÕES

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNJ - Conselho Nacional de Justiça

DID - Diretrizes para a Educação em Diversidade

ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e outras identidades

PNE - Plano Nacional de Educação

PNEA - Política Nacional de Educação Ambiental

PRP - Programa de Residência Pedagógica

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PRAC- Práticas Pedagógicas como Componente Curricular

SUS - Sistema Único de Saúde

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. JUSTIFICATIVA
3. REFERENCIAL TEÓRICO
4. METODOLOGIA
5. RESULTADOS
6. CONCLUSÃO
7. REFERÊNCIAS
8. APÊNDICE

1. INTRODUÇÃO

Minha trajetória é marcada por minha relação com a Ciências e com a Educação. As lembranças da educação básica, o processo na graduação, e a experiência enquanto professora fizeram parte da escolha do meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso, dessa forma cabe traçar um pouco desse caminho desde a infância até os dias atuais a fim evidenciar as escolhas da pesquisa.

A primeira lembrança significativa com Ciências da Natureza é do 4º ano do Ensino Fundamental quando comecei a ajudar colegas a entender melhor os conteúdos de Ciências. Meu entusiasmo pela matéria e o desejo de compartilhar o conhecimento adquirido se manteve ao longo dos anos e se intensificou no 6º ano do ensino fundamental quando participei da minha primeira Feira de Ciências. Embora minha turma não pudesse expor, apenas visitar as apresentações, foi uma experiência marcante. Assistimos a uma série de exposições de alunos do 1º ano do ensino médio, incluindo uma palestra sobre Educação Sexual que abordava temas como ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), gravidez na adolescência e o uso de métodos contraceptivos.

Os recursos didáticos utilizados na época foram: modelos anatômicos e um feto preservado. E uma das turmas apresentou uma peça sobre os impactos da gravidez na adolescência, abordando de maneira envolvente e crítica os desafios enfrentados por mães jovens. Essas apresentações não apenas esclareceram questões que eram até então pouco discutidas, mas também ampliaram meus horizontes e minhas escolhas. Entretanto, no Ensino Médio percebi que a sexualidade foi tratada de forma superficial sendo negligenciada no ambiente escolar. A ausência de diálogo e a abordagem limitada do tema, tanto nas aulas de Biologia quanto em outras disciplinas, eu avalio como uma lacuna preocupante na Educação Básica.

No curso de licenciatura em Ciências Biológicas Licenciatura, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), uma disciplina chamada Prática Pedagógica Como Componente Curricular (PRAC), com o tema Gênero e Sexualidade, cursada no sétimo semestre, trouxe minhas inquietações do ensino médio à tona. Isso porque uma avaliação foi o desenvolvimento de um plano de aula e um artefato pedagógico para a aula. A experiência de

elaborar e apresentar esse plano em sala de aula revelou o potencial transformador de abordar a sexualidade no contexto educacional. Como futura professora de Ciências e Biologia, percebi que essa temática poderia ser trabalhada de maneira concreta e significativa, contribuindo para a formação crítica dos alunos. Esse insight renovou meu entusiasmo e me impulsionou a seguir este tema de pesquisa, com o objetivo de aprofundar meus estudos sobre o tema, entender as diferentes abordagens, meu papel na promoção de uma educação inclusiva, e contribuir nessa área de pesquisa.

Junto a isso, outra questão relevante em minha formação acadêmica foi a participação na Residência Pedagógica, uma experiência prática que foi fundamental para consolidar minha decisão de abordar a sexualidade no contexto da Educação Básica. O Programa Residência Pedagógica (PRP), é uma ação que integra a Política Nacional de Formação de Professores, surge como um campo de transformação ao unir teoria e prática na formação de futuros professores (Brasil, 2021). Durante a residência, vivenciei de perto a realidade de salas de aula em uma escola pública estadual localizada em um bairro periférico. As interações com estudantes e educadores, junto à observação direta das necessidades e desafios enfrentados, reforçaram a urgência de uma abordagem educacional mais robusta e sensível em relação à sexualidade. Vivência prática que não apenas fortaleceu minha identidade docente, mas também me forneceu insights valiosos para o desenvolvimento deste trabalho.

A escolha do tema gênero e sexualidade para este trabalho de conclusão de curso (TCC) é resultado de uma trajetória acadêmica marcada por observações, reflexões contínuas e um compromisso firme em contribuir para uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e transformadora. Isso, porque a educação sexual é uma ferramenta essencial para a formação integral dos alunos, e uma abordagem bem fundamentada pode, não apenas, promover o respeito à diversidade, mas também preparar os jovens para enfrentar os desafios da vida com uma compreensão profunda e responsável de suas próprias identidades e das dos outros, pois contribui significativamente para a formação social e pessoal dos indivíduos.

Trabalhar questões de gênero e orientação sexual nas escolas ensina o respeito mútuo e ajuda a desconstruir estereótipos, promovendo um ambiente mais tolerante e acolhedor para todos. Assim, ela é fundamental para evitar comportamentos agressivos como *bullying*, machismo, preconceito, discriminação e crimes de homofobia (Xavier e Costa, 2022). A sexualidade não é uma característica universal e imutável; ela é uma construção social e

cultural que evolui ao longo do tempo e varia conforme os contextos culturais e históricos. Identidades sexuais e de gênero são moldadas por normas culturais dominantes, e a educação tem o poder de influenciar essas percepções, abrindo espaço para a diversidade e o respeito (Louro, 2013).

2. JUSTIFICATIVA

A identidade de gênero e a sexualidade são temas que geram discussões que envolvem questões religiosas, morais, culturais, educacionais, entre outras. Esses temas estão intrinsicamente entrelaçados no tecido social, o que exige da escola uma abordagem ampla e consciente. A relação entre sexualidade e violência no Brasil possui raízes históricas profundas, que remontam ao período colonial.

De acordo com Carmo (2019), a evolução da sexualidade no Brasil desde a chegada dos europeus aos primeiros contatos com os povos indígenas revelou práticas abusivas impostas pelos colonizadores. Estes “estabeleceram relações sexuais forçadas com mulheres indígenas, aproveitando-se de tradições culturais que envolviam a troca de mulheres por objetos ou aguardente” (Carmo, 2019, p. 14). Além disso, durante o período da escravidão, as mulheres negras foram tratadas como "objetos sexuais" pelos senhores brancos, exemplificando a violência sistêmica presente na sociedade escravocrata (Carmo, 2011).

Essa herança de violência ainda ressoa na sociedade contemporânea, conforme indicado pela pesquisa Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil, realizada pelo DataFolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2023. A pesquisa revela que aproximadamente 30 milhões de mulheres foram vítimas de assédio sexual em 2022, com 42% das mulheres acima de 16 anos relatando ter sofrido assédio (Datafolha, 2023).

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 também aponta um aumento significativo na violência contra a comunidade LGBTQI+, com 214 registros de homicídios dolosos, representando um aumento de 41,7% em relação ao ano anterior. No que diz respeito à transfobia, o Anuário de 2024 registra 4.170 vítimas de violência entre pessoas trans e travestis em 2022 (IPEA/FBSP, 2024). O Dossiê do Grupo Gay da Bahia confirma que o Brasil manteve, pelo 15º ano consecutivo, o título de país com o maior número de assassinatos de pessoas trans, com 145 homicídios em 2023, um aumento de 10% em relação a 2022 (apud Benevides, 2024).

Esses dados sublinham a urgência de uma abordagem educativa que não apenas promova a conscientização, mas também contribua efetivamente para a redução desses índices alarmantes de violência sexual e de gênero. A educação sexual emerge como uma ferramenta essencial para enfrentar esses desafios. Contudo, a implementação dessa abordagem enfrenta obstáculos significativos, em grande parte devido à visão limitada que predomina sobre o tema. Historicamente, a literatura acadêmica aponta o professor de Ciências e Biologia como o principal responsável por incluir a sexualidade nas escolas (Lima, 2021). Entretanto, é crucial reconhecer que todos os professores, independentemente da disciplina que lecionam, devem integrar esse tema em suas práticas pedagógicas.

A implementação da educação sexual nas escolas enfrenta desafios substanciais, geralmente relacionados à falta de preparo pedagógico ou ao domínio insuficiente do tema pelos professores de Ciências e Biologia. Essa carência frequentemente resulta em uma abordagem limitada ou até mesmo na omissão completa do tema, comprometendo a efetividade da educação sexual e perpetuando lacunas importantes no conhecimento dos estudantes.

Sem contar com uma visão predominante ainda biologicista, que foca apenas em aspectos como Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), gravidez precoce e no sistema reprodutor masculino e feminino, deixando de lado a complexidade da sexualidade humana (Fiorini, 2020). Essa perspectiva restrita limita a compreensão integral da sexualidade e compromete o desenvolvimento de uma abordagem educativa abrangente e inclusiva.

Diante desse cenário, a adoção de novas abordagens, como a Concepção Dialética e Política apontada por Bosco (apud 2019), torna-se essencial. Essa concepção oferece uma perspectiva crítica e emancipatória da sexualidade, reconhecendo-a como uma construção pessoal e social e permitindo uma educação sexual que vá além da mera transmissão de informações. Ao valorizar e respeitar as diversidades, essa abordagem questiona as normas e valores estabelecidos, contribuindo para uma compreensão mais profunda e inclusiva da sexualidade (Gagliotto & Lembeck, 2021).

Uma concepção emancipatória permite que os educadores desafiem as visões tradicionais que frequentemente reforçam preconceitos e discriminações, promovendo, ao invés disso, uma educação que empodera os alunos a reconhecerem e reivindicarem seus direitos. Assim, a Concepção Dialética e Política é crucial não apenas para informar, mas

também para capacitar os estudantes a desenvolverem uma visão crítica sobre questões de gênero e sexualidade, alinhando a educação sexual aos princípios de inclusão e respeito às diversidades.

Além disso, embora existam diversas pesquisas que discutem a educação sexual e a formação de professores, há uma lacuna significativa no que diz respeito à análise emancipatória dessas questões. Muitas investigações na área se concentram em aspectos técnicos ou biológicos, sem considerar a importância de uma abordagem que respeite e valorize a diversidade. Portanto, esta pesquisa se torna crucial ao enfatizar a perspectiva emancipatória, oferecendo uma contribuição de uma perspectiva diferente para o campo educacional.

A escolha do Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências (ENPEC) como foco desta investigação deve-se à sua relevância e abrangência no campo da pesquisa em educação científica, particularmente em questões que cruzam a educação em Ciências com temas sociais, como gênero e sexualidade. Minha curiosidade sobre o tratamento acadêmico desses temas encontra no ENPEC uma fonte rica de análise, pois o evento, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), é amplamente reconhecido por promover discussões aprofundadas e diversificadas sobre os desafios contemporâneos da educação.

O ENPEC, que já conta com 14 edições, é um fórum consolidado onde professores, pesquisadores e especialistas compartilham experiências, pesquisas e práticas inovadoras. Com um acervo extenso de publicações acadêmicas, o evento oferece um espaço privilegiado para investigar como as questões de gênero e sexualidade vêm sendo integradas às práticas pedagógicas, bem como as concepções teóricas que orientam esses debates (Abrapec, 2023). Ao analisar os anais desse encontro, busca-se identificar as abordagens predominantes e os desafios que os educadores encontram ao tratar desses temas nas disciplinas de Ciências e Biologia.

O evento se destaca por reunir pesquisas que não apenas exploram a educação científica em si, mas também refletem sobre as intersecções entre ciência, educação e contexto social. Dessa forma, ele proporciona uma base sólida para investigar como professores e pesquisadores têm lidado com as complexidades e urgências de uma educação sexual crítica e inclusiva. Essa investigação pretende, portanto, contribuir para o

entendimento das práticas e concepções que moldam a abordagem de gênero e sexualidade no ensino de Ciências, com vistas a identificar caminhos que possam fortalecer uma educação transformadora e emancipatória nesse campo.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a maneira como gênero e sexualidade são abordados na educação básica, com foco em estudos publicados nos anais do ENPEC. Ao longo desta pesquisa, pretendo contribuir observando como as pesquisas estão trazendo o tema de gênero e sexualidade. Analisar essas publicações é interessante para compreender como o tema é tratado e quais concepções predominam, além de identificar lacunas e desafios teóricos associados.

Portanto, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise crítica do discurso presente nos artigos publicados no ENPEC sobre gênero e sexualidade. Pretende-se avaliar como os professores e pesquisadores abordam o tema, quais concepções são apresentadas e quais críticas são formuladas. Esta análise teórica é crucial para entender as abordagens discutidas e para contribuir para um debate mais informado sobre a inclusão de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas.

PROBLEMA DE PESQUISA

Como os professores pesquisadores de Ciências abordam o tema gênero e sexualidade nas publicações dos últimos cinco ENPEC, e quais perspectivas teóricas orientam essas discussões?

OBJETIVOS

Geral

Analisar as abordagens sobre gênero e sexualidade descritas nas publicações dos últimos cinco ENPECs, identificando visões teóricas predominantes.

Específicos

- Mapear as abordagens teóricas sobre gênero e sexualidade presentes nos artigos dos últimos cinco ENPECs.
- Analisar como as discussões sobre gênero e sexualidade são categorizadas e representadas nas publicações do ENPEC, identificando as principais tendências e enfoques.

- Investigar a presença e a proporção de trabalhos que adotam uma abordagem emancipatória no tratamento dos temas de gênero e sexualidade.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de Educação Sexual (ES) é amplamente discutido na literatura, com diferentes abordagens que vão além da simples transmissão de informações biológicas. Segundo Figueiró (2011), a educação sexual é um processo que ocorre não só no contexto escolar, mas também no ambiente familiar e social em geral. As concepções dos indivíduos sobre sexualidade e educação sexual são moldadas ao longo da vida por meio das experiências, vivências e ensinamentos nesses diversos espaços.

Para Paulo Freire (1996) a educação deve ser um ato de liberdade e emancipação, e isso se aplica à Educação Sexual, que deve estimular a reflexão crítica e o questionamento sobre as normas, tabus e estereótipos que cercam a sexualidade. Dessa forma, a educação sexual não deve ser limitada a um enfoque biologicista, mas sim promover um diálogo que envolva aspectos sociais, culturais, éticos e afetivos. Já Louro (1997) destaca que a Educação Sexual deve ser entendida como um campo de construção de significados sobre os corpos e as sexualidades. Isso implica reconhecer que a sexualidade é uma construção social e que a escola pode ser um espaço privilegiado para questionar padrões normativos, promovendo um ambiente de respeito à diversidade. Portanto, a Educação Sexual é um processo contínuo que busca não só informar, mas também empoderar os indivíduos para que desenvolvam uma compreensão crítica sobre suas sexualidades e a dos outros, promovendo o respeito mútuo e a aceitação das diversidades.

A importância da Educação Sexual (ES) nas escolas é enfatizada, ao mesmo tempo em que são reconhecidos os desafios enfrentados pelos professores ao tratar desse tema, como a ausência de formação específica e a prevalência de concepções baseadas no senso comum, muitas vezes permeadas por preconceitos (Moreira e Folmer, 2015). Os autores destacam como principais dificuldades a ausência de uma formação específica voltada para a temática e a prevalência de concepções baseadas no senso comum, muitas vezes permeadas por preconceitos. Oliveira et al. (2017) identificam outro obstáculo significativo para a inserção da ES no ambiente escolar: a ausência de uma legislação que incentive uma abordagem mais aprofundada do tema. No contexto brasileiro, os documentos que orientam

as políticas públicas educacionais têm negligenciado de forma contundente os temas relacionados à orientação sexual e à sexualidade, perpetuando o silêncio sobre essas questões nas escolas (Lins et al., 2017).

Figueiró (2011) complementa essa discussão ao afirmar que a educação em gênero e sexualidade não se limita ao ambiente escolar, mas também se faz presente na família e na sociedade em geral. Nossas concepções sobre o tema são moldadas por tudo o que aprendemos, ouvimos e vivemos nessas diversas instâncias sociais. Assim, a visão dos professores de Ciências e Biologia sobre seu papel na Educação Sexual é influenciada pelas informações e noções que receberam ao longo de suas vidas. Figueiró (2014) ressalta que a formação docente não deve ser considerada uma atividade puramente racional e técnica, mas um processo histórico, contínuo e em constante evolução, que exige aprendizado constante e reflexão sobre a prática pedagógica.

A Educação Sexual, muitas vezes, é percebida de forma limitada e controversa. Frequentemente, é reduzida a instruções básicas sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez na adolescência, sendo cercada por tabus e preconceitos. Comumente associada exclusivamente à moralidade, à religião ou ao âmbito familiar, essa visão restritiva ignora a complexidade da sexualidade e sua relevância para um diálogo amplo e informado no ambiente escolar (Fiorini, 2020). Ainda, Figueiró (2014) aponta que essa limitação é um reflexo de um ensino escolar marcado por uma perspectiva médico-biologista e normativo-institucional da sexualidade, dificultando a aceitação da Educação Sexual como parte integral da educação global do indivíduo.

Historicamente, a compreensão de gênero e sexualidade foi influenciada por um determinismo biológico que vinculava o sexo biológico diretamente às identidades de gênero e orientações sexuais. Contudo, o pensamento crítico feminista, representado por autores como Guaciara Louro, demonstra que essas identidades são construções sociais moldadas por práticas sociais que atravessam dimensões como classe, etnia e raça (Louro, 1997).

As reflexões de Michel Foucault (1999) são particularmente relevantes, pois ele destaca a transformação do discurso sobre sexualidade ao longo dos séculos. No passado, a sexualidade era discutida com certa abertura, mas gradualmente passou a ser confinada ao espaço privado e à função reprodutiva, como Foucault descreve:

“A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca e absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio” (Foucault, 1999, p. 9).

Dentro desse contexto histórico, a Educação Sexual deve ser reimaginada. Em vez de se restringir a instruções biológicas e normativas, deve servir como um espaço para questionar e desconstruir normas hegemônicas que perpetuam desigualdades de gênero e sexualidade. A educação em gênero e sexualidade deve promover uma compreensão ampla que inclua as múltiplas formas de vivenciar a sexualidade, as identidades plurais e fluidas, e as diversas expressões de masculinidades e feminilidades. Figueiró (2009) corrobora essa perspectiva ao argumentar que o ensino da sexualidade não pode se limitar a aulas expositivas, pois os alunos esperam mais do que uma simples transmissão de informações e tendem a se engajar pouco quando a educação se restringe a essa metodologia.

Bosco (apud 2019) identifica cinco principais concepções de Educação Sexual:

1. **Concepção Médico-Biologista:** Trata a sexualidade como uma questão puramente biológica e reprodutiva, concentrando-se em anatomia e prevenção de infecções e doenças.
2. **Concepção Terapêutica Descompressiva:** Expande a abordagem ao incluir aspectos psicológicos e de prazer, mas ainda não considera suficientemente os contextos sociais.
3. **Concepção Normativo-Institucional:** Aborda a sexualidade como algo regulado por normas sociais e familiares, frequentemente reforçando estereótipos de gênero.
4. **Concepção Consumista-Quantitativa:** Transforma a sexualidade em uma mercadoria, mercantilizando o prazer e o desempenho sexual.
5. **Concepção Dialética e Política:** Oferece uma perspectiva crítica e inclusiva, vendo a sexualidade como uma construção pessoal e social. Esta concepção busca promover uma compreensão mais ampla que respeite as diversidades e questione normas e valores.

A Concepção Dialética e Política, conforme identificada por Bosco (apud 2019), é de fundamental importância para esta pesquisa, pois oferece uma perspectiva crítica e inclusiva da sexualidade. Essa abordagem reconhece a sexualidade como uma construção pessoal e

social, enfatizando a necessidade de uma compreensão que não apenas respeite, mas também valorize as diversidades existentes, focando na emancipação do aluno. Figueiró (2014) ressalta que é essencial que os educadores reflitam sobre as diversas abordagens da Educação Sexual, de modo a adotar um posicionamento teórico consciente e coerente, evitando se limitar a uma prática meramente técnica, que se restrinja a estratégias de ensino e conteúdos informativos.

Gagliotto e Lembeck (2021) afirmam que a Educação Sexual deve ser vista como um processo contínuo e dinâmico, onde o papel do educador vai além da transmissão de informações. Ele deve também facilitar o diálogo e a reflexão crítica sobre a sexualidade. Discutir a sexualidade na educação é um empreendimento complexo que requer a criação de espaços reflexivos. Esses espaços são cruciais para explorar os aspectos emocionais e contextuais que permeiam a Educação Sexual. Apesar da crescente discussão sobre o tema, a sexualidade ainda é frequentemente vista como um tabu, cercada por preconceitos e discriminação (Xavier e Costa, 2022). Essa realidade evidencia uma lacuna significativa nas aulas que abordam gênero e sexualidade, uma vez que muitos professores hesitam em discutir esses tópicos de maneira eficaz, temendo a controvérsia que frequentemente os acompanha (Gava e Villela, 2016).

Outrossim, Gagliotto e Lembeck (2021) reforçam a ideia de que a Educação Sexual deve estar integrada nas práticas pedagógicas de forma a promover um ambiente seguro e acolhedor para discussões abertas sobre sexualidade. Isso implica um compromisso contínuo dos educadores em se atualizar e se educar em temas de sexualidade, garantindo que suas abordagens sejam informadas e sensíveis às realidades dos alunos. Nesse cenário, a escola deve ser entendida não apenas como um reflexo das normas sociais vigentes, mas como um agente ativo na formação e reprodução dessas normas, conforme destaca Louro (1997). Essa perspectiva confere uma responsabilidade substancial aos educadores, que precisam estar preparados para enfrentar preconceitos e fomentar uma compreensão inclusiva e equitativa sobre gênero e sexualidade. Portanto, a Educação Sexual deve transcender a mera transmissão de informações, devendo criar um ambiente que promova a reflexão crítica e a construção do conhecimento.

A proposta de Figueiró (2013) reforça essa necessidade, defendendo que as universidades devem mediar discussões relevantes sobre Educação Sexual, preparando os futuros professores para lidar com as variadas manifestações da sexualidade entre os alunos e

aproveitando as oportunidades de ensino e reflexão que surgem. Assim, a análise crítica dos textos encontrados no ENPEC é vital para compreender como as práticas e teorias discutidas nesses documentos contribuem para a formação das concepções de gênero e sexualidade, alinhando-se à Concepção Dialética e Política e, consequentemente, promovendo uma sociedade mais justa e respeitosa em relação às diferenças.

É fundamental considerar a realidade da comunidade na qual a escola está inserida, levando em conta os valores, costumes e crenças dos educadores, dos jovens e das famílias a quem a educação se destina (Gagliotto e Lembeck, 2021). Essa análise contextual é crucial para a construção de um ambiente escolar que respeite e reflita as particularidades culturais e sociais dos estudantes. Reconhecer essa diversidade permite que o trabalho educativo seja mais significativo e relevante, promovendo uma educação que dialogue com a vivência dos alunos e suas famílias, e que contribua para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Por fim, a Educação Sexual formal deve criar espaços que permitam aos alunos expressar seus sentimentos e revisar seus preconceitos. Figueiró (2006) destaca que a ES deve ir além do ensino de conteúdos biológicos e fisiológicos, oferecendo oportunidades para que os alunos se tornem sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem envolve o desenvolvimento de aulas dialogadas e reflexivas, que engajem os estudantes em discussões significativas sobre suas experiências e percepções, contribuindo assim para uma formação crítica e transformadora.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho adota uma estratégia metodológica de pesquisa bibliográfica, composta por duas etapas. A primeira etapa tem um caráter quantitativo, visando contabilizar e comparar o número total de trabalhos publicados nas cinco edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) que abordam a temática de gênero e sexualidade. A segunda etapa possui um enfoque qualitativo, dedicando-se à análise do conteúdo dos artigos identificados. A pesquisa propõe realizar uma análise crítica dessas publicações, investigando se o conteúdo dos artigos favorece uma educação sexual emancipatória, em consonância com a concepção dialética. Para garantir a relevância dos conteúdos analisados serão utilizados descritores específicos.

A análise bibliográfica desempenha um papel crucial na construção deste estudo, pois permite ao pesquisador obter uma visão abrangente do tema, situando-o no contexto das discussões teóricas e práticas previamente desenvolvidas (Sousa, Oliveira e Alves, 2021). Este processo não apenas enriquece a compreensão do escopo da pesquisa, mas também orienta na identificação de lacunas e na construção de um argumento sólido e fundamentado, promovendo uma investigação mais robusta e significativa.

Criado pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC) em 1997, o ENPEC tornou-se um evento bienal de grande importância, reunindo pesquisadores das áreas de Ensino de Ciências para discutir trabalhos recentes e temas de interesse da associação (ABRAPEC, 2017). Com um público-alvo que inclui estudantes de pós-graduação, licenciatura, pesquisadores, formadores de professores e professoras, o ENPEC contribui significativamente para o desenvolvimento e consolidação do campo do Ensino de Ciências promovendo um espaço para discussões críticas e avançadas sobre temas como gênero e sexualidade na educação.

Os eventos científicos, como o ENPEC, são essenciais na promoção e disseminação de pesquisas. Segundo Campello (2003), esses eventos facilitam o contato pessoal entre pesquisadores e oferecem oportunidades para aperfeiçoar trabalhos científicos por meio de feedbacks durante as apresentações. Além de contribuírem na identificação de tendências e perspectivas emergentes, e promovem a troca informal de informações sobre projetos e colaborações.

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados descritores específicos que orientaram a busca e análise dos artigos: 1) "educação sexual", 2) "gênero e sexualidade", e 3) "gênero e sexualidade na educação". A busca foi realizada nos cinco últimos anais do ENPEC, abrangendo o período de 2015 a 2023, o evento tem um intervalo de 2 anos a cada edição. A escolha desse intervalo temporal de 5 anos foi guiada por duas razões principais: (1) a necessidade de um escopo viável para análise dentro do prazo disponível para a conclusão da pesquisa e (2) a constatação de um número limitado de artigos relevantes em edições anteriores que colaborou com o enfoque no período mais recente.

O processo metodológico seguiu a abordagem da pesquisa qualitativa conforme descrito por Minayo (1993), compreendendo três etapas fundamentais: (1) fase exploratória, (2) trabalho de campo e (3) análise e tratamento do material empírico e documental. No

entanto, para adequar-se às especificidades deste estudo, a etapa de "trabalho de campo" foi ajustada para refletir a natureza da pesquisa documental, sendo redefinida como (2) Análise do Material Documental e (3) Tratamento dos Dados. Essa adaptação assegura uma abordagem mais precisa e alinhada com os objetivos da pesquisa, permitindo uma análise detalhada e aprofundada dos artigos selecionados.

A metodologia deste trabalho fundamenta-se em uma análise documental, seguindo as concepções propostas por Bosco (apud, 2019). Nesse contexto, os documentos são analisados com o objetivo de identificar e organizar as abordagens sobre gênero e sexualidade presentes nas publicações dos últimos cinco encontros do ENPEC. O estudo se orienta pelas concepções desenvolvidas por Bosco, que definem cinco grandes abordagens no campo da Educação Sexual:

1. **Concepção Médico-Biologista:** Foca exclusivamente em aspectos biológicos e reprodutivos, tratando a sexualidade de forma reducionista, como um conjunto de processos anatômicos e fisiológicos.
2. **Concepção Terapêutica Descompressiva:** Embora inclua aspectos psicológicos e emocionais, ainda mantém uma visão individualista, sem abarcar suficientemente os contextos sociais e culturais.
3. **Concepção Normativo-Institucional:** Trata a sexualidade como um conjunto de normas e regras sociais e familiares, frequentemente reproduzindo padrões tradicionais e estereótipos de gênero.
4. **Concepção Consumista-Quantitativa:** Enfatiza a mercantilização da sexualidade, transformando prazer e desempenho sexual em produtos de consumo, influenciados por padrões de mercado e mídia.
5. **Concepção Dialética e Política:** Aborda a sexualidade como uma construção social e histórica, promovendo uma visão crítica e emancipatória que desafia normas e promove a valorização da diversidade.

Fases do Processo de Pesquisa:

1. **Fase Exploratória:** Nesta fase inicial, foi conduzida uma busca minuciosa nos anais do ENPEC, utilizando os descritores previamente estabelecidos: 1) "educação sexual", 2) "gênero e sexualidade", e 3) "gênero e sexualidade na educação". Os

artigos encontrados foram criteriosamente filtrados para assegurar que apenas aqueles que abordavam diretamente os temas de gênero e sexualidade fossem selecionados. Essa filtragem rigorosa garantiu a relevância e a precisão do corpus analisado, excluindo publicações que não se alinhavam com o foco da pesquisa.

2. **Análise do Material Documental:** Os artigos selecionados foram sistematicamente classificados de acordo com o ano de publicação, os temas tratados e as abordagens pedagógicas empregadas pelos autores. A análise qualitativa dos textos foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme os métodos descritos por Bardin (1977). Esta abordagem permitiu a categorização dos artigos em eixos temáticos significativos, relacionados às discussões sobre gênero, sexualidade e suas interações com a Educação em Ciências. A análise aprofundada revelou as diferentes perspectivas e estratégias pedagógicas adotadas pelos autores, oferecendo uma visão detalhada das práticas e teorias em jogo.
3. **Tratamento dos Dados:** Após a categorização e análise dos artigos, os dados foram organizados para identificar padrões, tendências, lacunas e desafios enfrentados pelos pesquisadores e educadores em suas práticas pedagógicas envolvendo gênero e sexualidade. Foi registrada a quantidade total de artigos publicados em cada edição dos anais e a proporção destes que se enquadram nas temáticas de gênero e sexualidade. Adicionalmente, foi realizada uma análise interna dos artigos selecionados, para avaliar a relevância dos conteúdos abordados e verificar suas potenciais contribuições para o campo educacional. Esse tratamento possibilitou uma compreensão das implicações e avanços nas discussões sobre gênero e sexualidade na educação.

A escolha pela abordagem qualitativa é particularmente adequada para o objetivo desta pesquisa, pois permite uma exploração interpretativa dos conteúdos textuais dos artigos. Essa abordagem não só facilita uma compreensão detalhada de como as questões de gênero e sexualidade são discutidas e abordadas no contexto da Educação em Ciências, mas também possibilita uma análise crítica das contribuições e limitações presentes nas publicações analisadas.

A análise qualitativa se revela essencial para a identificação e compreensão das tendências emergentes e das lacunas existentes no campo de estudo (Minayo, 1993). Esse enfoque crítico não apenas destaca os desafios que professores e pesquisadores enfrentam ao

integrar as temáticas de gênero e sexualidade em suas práticas pedagógicas, mas também ilumina as complexidades envolvidas nesse processo. Ao aprofundar a reflexão sobre como essas questões têm sido abordadas nos últimos cinco anos nos anais do ENPEC, é possível identificar padrões significativos de crescimento ou retração nas discussões sobre gênero e sexualidade na educação em ciências.

A metodologia qualitativa proposta oferece uma visão abrangente e detalhada do panorama das publicações relacionadas a esses temas, permitindo uma avaliação rigorosa tanto da quantidade quanto da qualidade dos estudos realizados. Essa abordagem não é apenas descritiva, mas também analítica, propiciando um entendimento mais profundo das dinâmicas que permeiam a incorporação de gênero e sexualidade na educação científica. Ao promover uma análise crítica e reflexiva, a pesquisa contribui significativamente para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e sensível às diversidades, essencial para a formação de cidadãos conscientes e preparados para os desafios contemporâneos (Creswell, 2014).

5. RESULTADOS

A presente análise abrange um total de 57 artigos publicados entre 2015 e 2023, que discutem as temáticas de gênero e sexualidade no contexto da educação em ciências. Esses artigos foram categorizados de acordo com descritores como "sexualidade", "educação sexual" e "gênero e sexualidade", com o objetivo de identificar as abordagens teóricas predominantes e as práticas pedagógicas discutidas nas publicações.

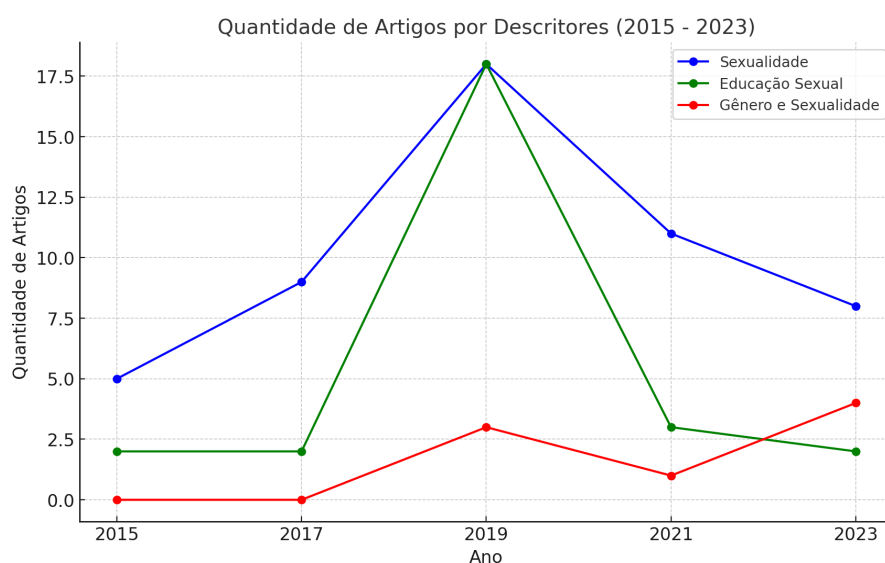


Gráfico 1- Total de artigos encontrados com os descritores.

Embora haja publicações relacionadas ao tema da pesquisa, o número de artigos sobre sexualidade e gênero varia consideravelmente a cada ano. Comparando o total de artigos publicados por edição com o número daqueles que abordam a sexualidade, a discrepância é evidente. Em 2023, foram publicados 1409 artigos, mas apenas 8 trataram da temática da sexualidade. Em 2021, o total de artigos foi 806, com 11 abordando o tema, enquanto em 2019, com 1035 artigos, 18 discutiram a sexualidade. Em 2017, dos 1343 artigos publicados, apenas 9 mencionaram a sexualidade, e em 2015, com 1116 artigos, apenas 5 focaram no tema.

Total de Artigos Publicados no Geral e Total de Artigos com a Temática "Sexualidade"

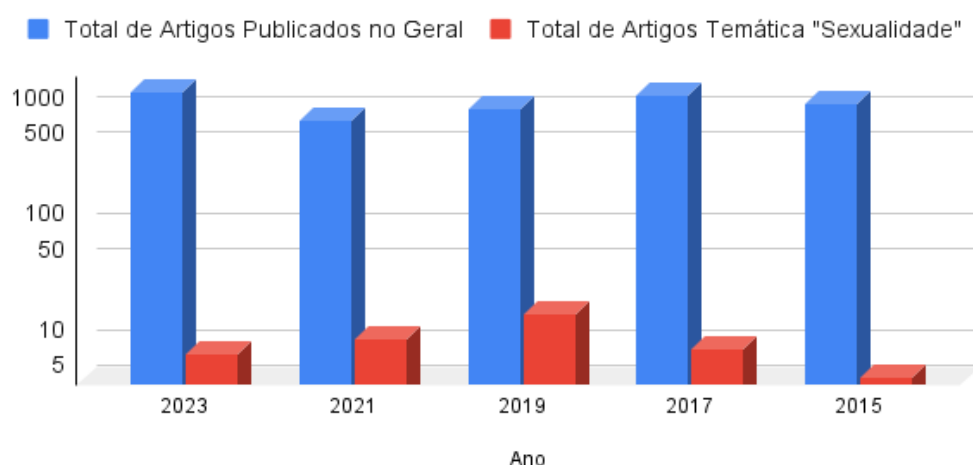


Gráfico 2- Total de artigos publicados e artigos com a temática "Sexualidade" por ano.

Esse contraste sugere que, mesmo em um evento de grande relevância como o ENPEC, que reúne professores e pesquisadores de grande valor acadêmico, as discussões sobre sexualidade e gênero ainda são pouco exploradas. Isso pode ser atribuído a diversos fatores, como tabus sociais, falta de domínio sobre o conteúdo por parte dos docentes ou dificuldades em integrar o tema nos currículos escolares, como apontam Xavier e Costa (2022).

A educação em sexualidade tem sido amplamente reconhecida como um componente essencial para a formação integral dos estudantes, especialmente no contexto da educação básica, onde questões de gênero, diversidade sexual e saúde reprodutiva precisam ser abordadas de maneira crítica e inclusiva (Gagliotto e Lembeck, 2021). No entanto, a análise

de 57 artigos apresentados nos anais do ENPEC, revelou que apenas 23 trabalhos tratam diretamente da sexualidade no contexto da educação básica. Esses dados evidenciam uma escassez significativa de pesquisas que explorem a implementação de práticas pedagógicas voltadas para a educação sexual nas escolas, sugerindo desafios persistentes na abordagem dessa temática.

Os 23 artigos identificados fornecem uma ampla gama de perspectivas sobre a inclusão da sexualidade nas escolas, explorando temas cruciais que vão desde a formação docente e as práticas pedagógicas até as barreiras institucionais e culturais que dificultam o debate sobre questões de gênero e sexualidade no ensino básico. Essa diversidade de abordagens evidencia a complexidade do tema, destacando a necessidade de uma formação contínua e adequada para os educadores, a qual deve capacitar os professores a lidarem com as dinâmicas sociais contemporâneas, como menciona Figueiró (2013). Além disso, os artigos revelam como as limitações impostas por estruturas institucionais e normas culturais ainda persistem, criando obstáculos significativos para a implementação de uma educação sexual crítica e inclusiva.

Essas questões não apenas afetam a qualidade do ensino, mas também comprometem a formação de ambientes escolares que valorizem a diversidade, a equidade e o respeito às diferenças. Assim, a análise dessas obras não só amplia a compreensão sobre as práticas atuais, mas também aponta para a urgência de mudanças estruturais que promovam uma educação que reconheça e acolha as múltiplas dimensões da sexualidade, levando em consideração a concepção dialética apontada por Bosco (2019).

A análise realizada buscou identificar as concepções teóricas presentes nos artigos analisados sobre gênero e sexualidade no contexto educacional. Como base, foram utilizadas as categorias propostas por Bosco, que oferecem uma estrutura para compreender as diferentes abordagens sobre a sexualidade no ensino. Os artigos foram categorizados em cinco concepções principais: Médico-Biologista, Terapêutica Descompressiva, Normativo-Institucional, Consumista-Quantitativa e Dialética e Política.

Concepções Identificadas:

1. **Concepção Médico-Biologista:** Os artigos que se enquadram nessa categoria, como os artigos 2 e 8, focam predominantemente nos aspectos biológicos e reprodutivos da sexualidade. Eles priorizam temas como anatomia e processos fisiológicos,

restringindo-se a uma visão técnica que pouco explora a dimensão social da sexualidade. Esse tipo de abordagem, embora necessária, é insuficiente para promover uma compreensão crítica e abrangente da sexualidade.

2. **Concepção Terapêutica Descompressiva:** Os artigos 14 e 17 foram classificados nesta categoria, que aborda a sexualidade sob uma perspectiva mais psicológica, porém centrada no indivíduo, sem um aprofundamento nas questões sociais mais amplas. Aqui, a ênfase está em aspectos terapêuticos que visam o bem-estar do indivíduo, sem necessariamente questionar ou desafiar normas sociais que moldam a compreensão da sexualidade.
3. **Concepção Normativo-Institucional:** Inclui artigos como 6, 12 e 19, que reproduzem padrões normativos e estereótipos de gênero, enfatizando regras e normas sociais estabelecidas. Esta abordagem tende a reforçar visões tradicionais sobre sexualidade, sem promover um espaço para a desconstrução crítica das normas sociais vigentes.
4. **Concepção Consumista-Quantitativa:** Nos artigos 4, 16 e 21, a sexualidade é tratada de forma mercadológica, com um foco em desempenho e satisfação dentro de padrões de consumo. Essa concepção vê a sexualidade como um objeto de consumo, limitando discussões a aspectos quantitativos e de performance, sem considerar as implicações sociais e culturais mais profundas.
5. **Concepção Dialética e Política:** Esta é a categoria mais representada entre os artigos analisados, incluindo 13 dos 23 artigos (1, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 18, 20, 22 e 23). Os textos nesta categoria adotam uma perspectiva crítica, tratando a sexualidade como uma construção social que necessita ser discutida e desconstruída nas práticas pedagógicas. Essa abordagem busca promover uma educação emancipatória, que vá além da mera transmissão de informações, para incentivar reflexões críticas sobre gênero, diversidade e desigualdades.

A distribuição dessas abordagens, apresentada na Tabela 1, facilita a compreensão da predominância de cada uma delas e destaca a importância de um ensino mais equilibrado e abrangente sobre sexualidade nos artigos encontrados.

Concepção	Descrição	Artigos
Médico-Biologista	Enfatiza aspectos biológicos e reprodutivos da sexualidade, com foco em anatomia e processos fisiológicos.	Artigos: 2, 8
Terapêutica Descompressiva	Inclui aspectos psicológicos, mas mantém uma abordagem centrada em questões individuais, não aprofundando questões sociais mais amplas.	Artigos: 14, 17
Normativo-Institucional	Foca em normas e regras sociais, frequentemente reproduzindo padrões tradicionais e estereótipos de gênero.	Artigos: 6, 12, 19
Consumista-Quantitativa	Aborda a sexualidade de forma mercadológica, enfatizando a performance e a satisfação dentro de padrões de consumo.	Artigos: 4, 16, 21
Dialética e Política	Promove uma visão crítica, considerando a sexualidade como uma construção social e defendendo uma abordagem emancipatória e inclusiva.	Artigos: 1, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 18, 20, 22, 23

Tabela- 1 A distribuição das abordagens

Dentre as cinco concepções analisadas, a **Dialética e Política** é a que mais se alinha com a proposta emancipatória buscada na pesquisa. Essa abordagem promove uma reflexão crítica sobre a sexualidade como uma construção social, desafiando normatividades estabelecidas e defendendo uma educação que valorize a inclusão e a diversidade. Ao desconstruir estereótipos e lutar pela justiça social, essa concepção é essencial para que os alunos compreendam as dinâmicas de poder presentes nas relações de gênero, incentivando-os a questionar e transformar suas realidades. Os artigos que se enquadram nessa categoria trazem discussões profundas sobre como os conceitos de gênero e

sexualidade podem ser ressignificados em prol de um ambiente educativo mais inclusivo e transformador.

Por outro lado, a **concepção Médico-Biologista** se destaca por sua abordagem restrita e técnica, concentrando-se em aspectos fisiológicos e reprodutivos da sexualidade. Embora seja fundamental em certos contextos, essa perspectiva carece de uma análise crítica das questões sociais e históricas que envolvem a sexualidade, limitando o debate ao nível biológico. Os artigos que adotam essa visão enfatizam termos como "fisiológicos" e "reprodutivos", sem considerar a dimensão sociocultural da sexualidade.

A **concepção Terapêutica Descompressiva** ocupa um espaço intermediário, incluindo aspectos psicológicos na discussão, mas ainda mantendo um foco em questões individuais, sem aprofundar temas sociais mais amplos. Apesar de não ser tão crítica quanto a abordagem dialética, essa concepção reconhece a importância de discutir sexualidade de forma mais aberta e acolhedora, especialmente em um ambiente educativo. Artigos refletem essa abordagem, sugerindo que o papel do educador é apoiar os alunos na expressão de suas experiências e sentimentos.

A **Normativo-Institucional** reflete uma visão mais tradicional, preocupando-se em reforçar normas sociais e reger comportamentos. Essa abordagem, pode ser vista como limitante, pois tende a perpetuar estereótipos de gênero em vez de desafiá-los.

Por fim, a **Concepção Consumista-Quantitativa** apresenta uma visão da sexualidade em termos de performance e satisfação, frequentemente relacionada a padrões de consumo. Artigos utilizam essa perspectiva, que, embora menos comum, ainda pode influenciar a maneira como a sexualidade é discutida em contextos educacionais.

Portanto, a categorização das concepções nos artigos analisados ajuda a identificar tanto as contribuições quanto às limitações dos enfoques adotados, promovendo uma discussão mais abrangente sobre a importância de uma educação sexual crítica, inclusiva e transformadora. A análise dos artigos ao longo dos anos revela uma rica diversidade de reflexões e práticas pedagógicas sobre a inserção da sexualidade no ambiente escolar, refletindo diferentes abordagens e perspectivas sobre o tema. Os trabalhos selecionados abordam questões fundamentais, desde a formação de professores até a percepção de alunos sobre educação sexual, considerando as complexidades do contexto educacional e social.

Em 2023, os artigos selecionados aprofundam as discussões sobre a sexualidade no contexto educacional, abordando uma variedade de temas e perspectivas que incluem tanto questões individuais quanto coletivas. Destaca-se:

Artigo 1: "Mediações Literárias e Gênero no Ensino de Ciências" (Concepção: Dialética e Política). Este artigo explora a interseção entre sexualidade e gênero, enfatizando a importância das mediações por meio da literatura paradigmática para construir uma compreensão crítica entre os alunos.

Artigo 2: "Educação Popular e Saúde no Clube de Ciências" (Concepção: Dialética e Política). Este trabalho investiga o currículo escolar como um artefato de subjetivação, abordando a integração das perspectivas sociais da sexualidade no ensino e a necessidade de uma educação mais crítica e inclusiva.

Artigo 3: "Conhecimento de Jovens sobre Sexualidade no PIBID" (Concepção: Normativo-Institucional). Este estudo analisa o conhecimento de jovens e adolescentes sobre sexualidade em uma escola parceira do PIBID – UFPA, revelando lacunas significativas na compreensão dos alunos, o que reflete as limitações de uma abordagem institucionalizada e normativa.

Artigo 4: "Sexualidade no Ensino Fundamental: Inclusão e Reflexões" (Concepção: Terapêutica Descompressiva). Este artigo examina as concepções e temas relacionados à sexualidade entre alunos do Ensino Fundamental, destacando a necessidade de uma abordagem mais abrangente e inclusiva na educação sexual, embora sem aprofundar as questões sociais mais amplas.

Artigo 5: "Formação de Professores do Campo e Educação Sexual" (Concepção: Dialética e Política). Este trabalho aborda a formação de professores na educação do campo, considerando a educação sexual como um tema central nas discussões pedagógicas e propondo uma abordagem crítica e transformadora.

Em 2021, três artigos foram analisados, refletindo as percepções de professores e alunos sobre a educação sexual nas escolas. Entre eles:

Artigo 6: "Opiniões de Alunos sobre Educação Sexual" (Concepção: Consumista-Quantitativa). Este estudo investiga as opiniões dos alunos sobre a educação

sexual, evidenciando uma expectativa por abordagens mais inclusivas e diversificadas, muitas vezes voltadas para aspectos de consumo e satisfação.

Artigo 7: "Formação de Professores de Ciências e Sexualidade" (Concepção: Normativo-Institucional). Este artigo concentra-se na formação de professores de ciências, discutindo as lacunas no preparo desses profissionais para abordar a sexualidade em sala de aula, refletindo uma abordagem mais tradicional e normatizada.

Artigo 8: "Percepções de Professores e Alunos sobre Sexualidade" (Concepção: Dialética e Política). Este estudo apresenta as percepções de alunos e professores sobre a educação sexual, destacando a importância da formação continuada para que os educadores desenvolvam práticas pedagógicas eficazes e críticas.

Em 2019, cinco artigos discutem a inserção da sexualidade no contexto educacional, com ênfase na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas implicações para o ensino de ciências. Destacam-se:

Artigo 9: "Sexualidade e BNCC: Desafios e Perspectivas" (Concepção: Normativo-Institucional). Este artigo analisa as diretrizes da BNCC em relação à educação sexual, abordando os desafios e perspectivas de implementação da política educacional.

Artigo 10: "Superando o Biologismo no Ensino de Ciências" (Concepção: Dialética e Política). Este trabalho propõe a inclusão da sexualidade no currículo de ciências, defendendo uma visão que transcende a abordagem biologicista e propõe uma perspectiva mais ampla e crítica.

Artigo 11: "Formação Docente e Educação Sexual: Lacunas e Desafios" (Concepção: Terapêutica Descompressiva). Este estudo critica a formação docente e suas repercussões na educação sexual, destacando as deficiências na formação teórica e prática dos educadores.

Artigo 12: "Abordagens de Gênero na Educação Sexual" (Concepção: Dialética e Política). Este artigo investiga as abordagens de gênero na educação sexual e sua relevância na formação dos alunos, propondo uma perspectiva crítica e inclusiva.

Artigo 13: "Diversidade Sexual e Práticas Inclusivas" (Concepção: Dialética e Política). Este estudo discute práticas pedagógicas inclusivas que atendem às necessidades da

diversidade sexual, reafirmando a centralidade da formação docente nesse processo transformador.

Em 2017, três artigos abordam a formação de professores e a sexualidade na educação, com destaque para as lacunas relacionadas à inclusão de grupos marginalizados, como homossexuais e estudantes com deficiência. São eles:

Artigo 14: "Formação Docente e Diversidade Sexual: Tensão e Prática" (Concepção: Terapêutica Descompressiva). Este estudo discute a formação docente em relação à diversidade sexual, ressaltando as tensões entre teoria e prática, mas sem aprofundar as questões sociais mais amplas.

Artigo 15: "Práticas Inclusivas e Formação Crítica em Sexualidade" (Concepção: Dialética e Política). Este trabalho propõe uma análise crítica das práticas pedagógicas, enfatizando a necessidade de uma formação mais inclusiva e transformadora.

Artigo 16: "Escola e Identidade Sexual: Abordagem Holística" (Concepção: Normativo-Institucional). Este artigo enfoca o papel da escola na formação da identidade sexual, destacando a urgência de uma abordagem holística que contemple a diversidade, mas dentro dos limites de um sistema normativo.

Por fim, em 2015, três artigos analisam as percepções de alunos do Ensino Fundamental sobre sexualidade e a abordagem curricular do tema. Destacam-se:

Artigo 17: "Percepções dos Alunos sobre Educação Sexual" (Concepção: Normativo-Institucional). Este estudo investiga as percepções dos alunos sobre a educação sexual, com uma abordagem centrada nos padrões tradicionais e institucionais.

Artigo 18: "Desafios na Prática Pedagógica em Sexualidade" (Concepção: Terapêutica Descompressiva). Este artigo discute os desafios enfrentados na prática pedagógica, com uma abordagem mais focada nas questões individuais.

Artigo 19: "Discurso Docente e Formação Inicial em Educação Sexual" (Concepção: Dialética e Política). Este estudo analisa o discurso de professores de Biologia sobre sua formação inicial em Educação Sexual, destacando a insatisfação com a formação recebida e a necessidade urgente de incluir conteúdos sobre sexualidade nos currículos de licenciatura, dentro de uma perspectiva crítica e transformadora.

A análise das publicações do ENPEC sobre sexualidade na educação revela um panorama complexo em relação à integração de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas. De maneira geral, observa-se que alguns artigos ainda adotam uma visão centrada na perspectiva biologicista da sexualidade, centrada na prevenção de doenças e gravidez precoce, alinhada com as críticas de Figueiró (2014), que denuncia a prevalência de uma abordagem técnico-informativa e medicalizante. No entanto, essa visão começa a ser questionada, com a adoção crescente de uma educação sexual mais inclusiva e crítica, que visa respeitar e valorizar a diversidade de gênero e sexualidade. Essa transformação na abordagem da sexualidade na educação reflete a superação de estereótipos e preconceitos por meio de uma abordagem emancipatória, conforme defendido por Bosco (2019), Louro (1997) e Figueiró (2011), que chamam atenção para a necessidade de práticas pedagógicas que fomentem a reflexão crítica e a desconstrução das normas hegemônicas.

Essa tendência de mudança na abordagem pedagógica é evidente em vários artigos analisados, que destacam metodologias interativas, como debates, dinâmicas de grupo e projetos interdisciplinares, voltadas para o estímulo da reflexão crítica dos alunos. Um exemplo disso é o uso do teatro do oprimido, relatado em um dos artigos, como estratégia para explorar questões de gênero e sexualidade, proporcionando uma oportunidade para que os alunos questionem normas e construam novos entendimentos sobre suas identidades e relacionamentos. Essas metodologias estão alinhadas com a proposta de Figueiró (2009), que defende a superação de aulas expositivas e informativas em favor de práticas que promovam o diálogo e a reflexão.

Contudo, essas práticas inovadoras enfrentam desafios significativos, que estão diretamente relacionados a tensões entre as abordagens pedagógicas desejadas e as realidades conservadoras do ambiente escolar. A resistência ao tema da sexualidade é uma constante nas narrativas dos professores, que relatam dificuldades em abordar o assunto devido a tabus, medos e preconceitos, como enfatizado no Artigo 23 (2015). Um professor, por exemplo, expressa que “falar de sexualidade no espaço da escola é um grande desafio, pois as resistências são muitas, o que exige que os envolvidos revisem conceitos, superem preconceitos e estereótipos e reflitam sobre sua própria sexualidade, lidando com tabus, medos e vergonhas de maneira madura e consciente”.

Esses desafios podem ser agrupados em três categorias principais: estruturais, sociais e pessoais. Os desafios estruturais envolvem a falta de formação específica para os

educadores e a escassez de recursos didáticos adequados, conforme relatado no Artigo 3 (2023). A carência de formação compromete a confiança dos docentes e limita a capacidade de realizar uma abordagem crítica e abrangente sobre sexualidade, como Figueiró (2014) destaca, evidenciando a necessidade de uma formação contínua que permita aos professores se sentirem preparados para lidar com questões complexas de gênero e sexualidade. Além disso, o Artigo 9 (2019) aponta a falta de materiais pedagógicos como um obstáculo significativo, dificultando uma abordagem mais inclusiva e diversificada da sexualidade.

No plano social, a resistência da comunidade escolar e a falta de apoio institucional emergem como barreiras que comprometem a implementação de uma educação sexual eficaz. O Artigo 7 (2021) discute como os professores se sentem pressionados a evitar o tema da sexualidade, temendo conflitos com colegas, pais e membros da comunidade escolar, o que pode levar à autocensura e ao silenciamento de discussões essenciais. A falta de apoio institucional é igualmente destacada no Artigo 11 (2019), que reafirma a dificuldade de inserir a educação sexual de forma consistente nas práticas pedagógicas, dada a ausência de uma política escolar mais receptiva a esse tema.

Além disso, os desafios pessoais dos educadores também são significativos, uma vez que muitos relatam inseguranças e medos ao tratar de temas sensíveis como a sexualidade. O Artigo 18 (2017) revela essas apreensões, que podem resultar em uma abordagem hesitante e limitada, comprometendo o potencial pedagógico da sala de aula. A autocensura é uma realidade recorrente, como destacado no Artigo 3 (2023), onde os professores expressam receio de desagradar alunos, pais ou colegas, o que acaba inibindo a discussão aprofundada sobre sexualidade e prejudicando a formação crítica dos estudantes.

Embora esses desafios sejam evidentes, também é possível observar um movimento crescente em direção a uma educação sexual mais inclusiva e transformadora, conforme discutido no referencial teórico. Vários artigos abordam a sexualidade de maneira emancipatória, buscando desconstruir normas tradicionais e fomentar a diversidade. O Artigo 2 (2023), por exemplo, discute diálogos sobre educação sexual no contexto da educação popular em saúde, promovendo discussões inclusivas e contextualizadas que respeitam as realidades dos alunos. O Artigo 3 (2023) também destaca a importância de uma educação crítica, desafiando normas de gênero e sexualidade, enquanto o Artigo 4 (2023) explora a inclusão das sexualidades no currículo escolar, enfatizando práticas pedagógicas que promovem a autonomia dos alunos.

A resistência à abordagem de gênero e sexualidade é também explorada no Artigo 5 (2023), que propõe maneiras de superar barreiras conservadoras por meio de uma perspectiva emancipatória. Já o Artigo 17 (2019) destaca a formação docente, sublinhando a importância de preparar os educadores para abordar questões sensíveis com empatia e compreensão, promovendo uma educação sexual mais inclusiva. O Artigo 19 (2019), por sua vez, analisa a percepção de futuros educadores sobre a educação sexual, reforçando a necessidade de formação contínua para lidar com as complexidades do tema.

Em síntese, a reflexão coletiva sobre os desafios e possibilidades da educação sexual nas escolas é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Superar os obstáculos enfrentados pelos professores, como a falta de formação adequada e a resistência institucional, é crucial para garantir uma educação sexual efetiva e inclusiva. Para isso, é necessário que as escolas adotem uma postura mais receptiva à diversidade, investindo em formação contínua e criando um ambiente que promova o respeito mútuo. Somente assim será possível contribuir para a formação de cidadãos críticos, inclusivos e conscientes de suas responsabilidades sociais, promovendo uma educação que valorize a diversidade de gênero e sexualidade e construa uma sociedade mais equitativa e respeitosa.

6. CONCLUSÃO

A análise dos artigos publicados sobre gênero e sexualidade no contexto da educação em ciências revela uma lacuna significativa na abordagem dessas temáticas, especialmente em relação à sua implementação prática no ensino básico. Embora a literatura reconheça a relevância da educação sexual, o número de publicações dedicadas ao tema é ainda inexpressivo, refletindo os desafios estruturais que persistem na formação de professores e na pesquisa educacional.

Dos 23 artigos analisados que abordam especificamente a educação sexual, fica evidente que, apesar de ser considerada uma área fundamental, existem obstáculos substanciais à sua efetivação no contexto educacional. A escassez de produções acadêmicas é, em parte, um reflexo das barreiras socioculturais e políticas que dificultam a adoção de uma educação sexual crítica e inclusiva nas escolas. O impacto de movimentos conservadores, que restringem as discussões sobre gênero e sexualidade nos currículos

escolares, gera um ambiente de incerteza e hesitação entre os educadores, comprometendo o desenvolvimento pleno dessas temáticas.

Um dos principais desafios identificados nesta análise é a formação docente. A falta de preparo adequado para abordar questões como diversidade sexual e saúde reprodutiva leva muitos professores a adotarem uma perspectiva meramente biologicista da sexualidade. O Artigo 20 (2019) afirma que "a formação docente em relação à educação sexual é frequentemente insuficiente, resultando em lacunas significativas no conhecimento dos professores sobre o tema." Isso indica que muitos educadores não se sentem equipados para discutir a complexidade da sexualidade, perpetuando uma abordagem reducionista.

Em complemento, o Artigo 4 (2023) reforça essa ideia ao relatar que "muitos docentes relataram não ter recebido formação específica sobre educação sexual, o que dificulta a condução de discussões amplas em sala de aula." Essa falta de formação compromete não só a confiança dos professores, mas também limita a capacidade de abordar questões que vão além da biologia, como as dimensões sociais e afetivas da sexualidade.

O Artigo 21 (2015) destaca que "a falta de materiais pedagógicos adequados limita a capacidade dos educadores de abordar a sexualidade de forma abrangente e significativa," resultando em um ensino que frequentemente ignora as diversidades e complexidades da experiência humana. Isso se alinha com a análise apresentada no Artigo 19 (2017), que discute como o preconceito e a falta de preparo docente impactam negativamente a educação sexual. Esses artigos evidenciam que a formação inadequada e a escassez de recursos contribuem para uma visão limitada da sexualidade, restringindo as potencialidades transformadoras que a educação sexual pode oferecer.

Os artigos analisados constituem uma base sólida para compreender os desafios, avanços e lacunas na implementação da educação em gênero e sexualidade no ensino básico. Essa produção acadêmica destaca a urgência de investimentos mais robustos em pesquisa e na qualificação docente, permitindo que os educadores tratem os temas de sexualidade com maior propriedade, sensibilidade e criticidade.

A análise de conteúdo revelou que muitos textos abordam questões relacionadas a gênero, preconceito, direitos da população LGBTQIA+, a falta de preparo docente e, em alguns casos, a responsabilização da academia por esses desafios. Essa constatação é encorajadora, pois demonstra que, apesar das adversidades, professores e pesquisadores

continuam dedicando esforços para discutir temas de fundamental importância e urgência na educação.

Portanto, é evidente a necessidade de uma formação docente mais robusta e crítica, bem como a criação de um ambiente escolar mais receptivo e inclusivo. A adoção de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade e promovam um diálogo aberto é essencial para transformar a educação sexual, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e livre de preconceitos. Nesse sentido, é fundamental que as instituições de ensino implementem programas de formação contínua que capacitem os professores a abordar a sexualidade de maneira abrangente e crítica.

Ademais, a grande maioria dos artigos encontrados apresenta uma perspectiva emancipatória sobre sexualidade, o que é extremamente animador e encorajador. É gratificante observar que professores e pesquisadores de Ciências e Biologia estão trazendo essa visão para as publicações do ENPEC. Embora a quantidade de artigos publicados por edição ainda seja baixa, é alentador perceber que estamos caminhando em direção a um futuro em que educadores e pesquisadores reconhecem a necessidade de mudar a visão biologicista sobre sexualidade, focando em uma perspectiva emancipatória que beneficie os alunos da educação básica.

Assim, o compromisso coletivo com a educação sexual emerge como um caminho vital para promover um ambiente escolar mais seguro, equitativo e acolhedor para todos os estudantes, onde cada voz é respeitada e valorizada. Dessa forma, esta pesquisa responde à questão proposta: As publicações sobre gênero e sexualidade dos últimos cinco Encontros Nacionais de Pesquisa em Ensino de Ciências (ENPEC) apresentam uma abordagem emancipatória nas práticas pedagógicas e didáticas? A análise sugere que, apesar dos esforços significativos, é necessário um movimento mais forte e integrado para garantir que a educação sexual seja tratada como um componente essencial e emancipatório na formação de cidadãos críticos e conscientes, aptos a contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

7. REFERÊNCIAS

ABRAPEC. *Sobre*. 2023. Disponível em: <<https://abrapec.com/sobre/>>. Acesso: 19 de ago. 2024.

ABRAPEC. **Atas do I Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências**. São Paulo: Águas de Lindóia, 1997.

ABRAPEC. **Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências**. 2017.

BOSCO, L. V. **Educação Sexual e Formação Continuada de Professores e Professoras na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Orientadora: Néli Suzano Brito. 2019. 143 p.

BUENO, Samira et al. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Relatório.

CAMPELLO, B. S. Encontros científicos. In: CAMPELLO, B. S; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 55-72.

CARMO, P. S. **Prazeres e pecados do sexo na história do Brasil** / - São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

CRESWELL. John. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. 2014.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília : Ministério da Saúde, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: UEL, 1996.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. Marília, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola**. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009. p. 141-169.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed. rev. at. Londrina: EDUEL, 2011.

FIORINI, Jessica Sampaio. **Educação sexual na escola: currículo e práticas** / ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020. 197p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 19 de ago. 2024.

GAGLIOTTO, G. M.; LEMBECK, T. **Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória**. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4802/3964>. Acesso em: 10 de out. 2024.

LIMA, Renata Epaminondas. **A EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DOCENTE EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**. 2021.73 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal da Paraíba.

LINS, Laís Sandres et al. **Análise do comportamento sexual de adolescentes**. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, v. 30, n. 1, 2017

LOURO, GUACIRA . **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO; GOELLNER et. al. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes 1997.

Ministério da Educação/ BNCC. **TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS NA BNCC: Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos**. 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso: 19 de ago. 2024.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer da Rocha; FOLMER, Vanderlei. **Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. Experiências em Ensino de Ciências**, v. 10, n. 3, p. 18-30, 2015.

NARDI, R. **A área de ensino de ciências no Brasil: fatores que determinaram sua constituição e suas características segundo pesquisadores brasileiros**. 2005. 169 f. Tese (título de Professor Livre Docente) – Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Unesp, São Paulo.

OLIVEIRA, Márcia de Freitas et al. **Curso de formação de professores (as) por meio do programa educação sexual em debate na Rádio UDESC FM 100.1 Florianópolis: algumas**

reflexões sobre os caminhos percorridos. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 12, n. 2, p. 1130-1141, 2017.

Parâmetros Curriculares Nacionais. **Orientação Sexual.** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. Acesso: 19 de ago. 2024.

Parâmetros Curriculares Nacionais. **PLURALIDADE CULTURAL: ORIENTAÇÃO SEXUAL.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso: 19 de ago. 2024.

SANTOS, F. M. dos. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN.** Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012.

SOUSA, A. OLIVEIRA, G. ALVES, L. **A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

APÊNDICE – LISTA DE ARTIGOS UTILIZADOS

Nº	Título	Ano	Autores
1	Ensino remoto emergencial na pandemia do COVID-19 e seus impactos na Educação Sexual	2023	Gabrielli Grunzweig Goulart; Hederson Aparecido de Almeida e Bruna Larissa Ramalho Diniz
2	Diálogos sobre educação sexual no contexto da educação popular em saúde em um Clube de Ciências escolar	2023	Bianca Rossi Duque; Ana Paula Massadar Morel e Mariana Lima Vilela
3	<i>GÊNERO, SEXUALIDADE E LIVROS DIDÁTICOS: desafios e pistas possíveis na Educação em Biologia</i>	2023	Sandro Prado Santos e Matheus Moura Martins

4	<i>Sexualidades em Jogo no Currículo Escolar</i>	2023	Narla Mota Júnior e Ricardo Santos do Carmo
5	<i>Movimentos conservadores e o ensino de Ciências e Biologia: desafios aos debates sobre gênero e sexualidades nas salas de aula</i>	2023	Julia Dionísio Cavalcante da Silva e Sandra Lucia Escovedo Selles
6	<i>Discursos na escola relacionados à homossexualidade: o papel do professor de Biologia à ruptura de práticas discursivas dominantes</i>	2021	Maria da Conceição Costa Melo e Francimar Martins Teixeira
7	<i>Corpo humano, palco onde o gênero, sexualidade e diferença são vividos: uma possível confluência do biológico e do social para professores de biologia</i>	2021	Cintia Müller Leal e Rochele de Quadros Loguercio
8	<i>A Educação Ciência, Tecnologia e Sociedade em Teses e Dissertações sobre Educação para a Sexualidade: interfaces para redimensionamentos de práticas</i>	2021	Fernanda Fernandes; Ana Paula Geraldo; Rosangela Cristina Auriglietti e Leonir Lorenzetti

9	<i>“Eles sofrem tanto preconceito...”: a (trans)formação de professores de Ciências e uma análise sobre o tema sexualidades.</i>	2019	Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira; Elenita Pinheiro de Queiroz Silva; Glória Regina Pessoa Campello Queiroz.
10	<i>A produção acadêmica acerca das temáticas de gênero e sexualidade na formação de professor de ciências, biologia e pedagogia nos últimos dez anos (2008 -2018).</i>	2019	Autores: Lainne Ramos Jardim; Amanda Lima de Almeida.
11	<i>A educação em sexualidade na perspectiva de futuros pedagogos.</i>	2019	Amanda de Mattos Pereira Mano.
12	<i>Gênero(s) e sexualidade(s) no ensino de biologia: Reflexões a partir de diálogos entre discursos decoloniais africanos e das trans-identidades latinas.</i>	2019	Yonier Alexander Orozco Marin; Suzani Cassiani.
13	<i>A formação de professores e a sexualidade na BNCC.</i>	2019	Wellington Soares de Lima; Luciani de Oliveira; Lourdes Aparecida Della Justina.

14	<i>Sexualidade na Base Nacional Comum Curricular: uma breve análise.</i>	2019	Bruna Athaide Buczynski Patti; Francine Lopes Pinhão; Emanuel Carlos Daflon da Silva.
15	<i>Estratégias didáticas para o ensino de sexualidade.</i>	2019	Luana Maria Oliveira e Alice Melo Ribeiro
16	<i>O que existe sobre sexualidade nos trabalhos da última edição do ENPEC?</i>	2019	Desconhecido.
17	<i>Promoção à saúde na escola: abordando a educação sexual.</i>	2019	Desconhecido
18	<i>Problematizar o tema sexualidade no contexto escolar: reflexões sobre as lacunas da formação dos professores de ciências.</i>	2017	Carolina Santos de Miranda e Gilvaneide Ferreira de Oliveira.
19	<i>O ensino de ciências na educação inclusiva: o caso da sexualidade para adolescentes com deficiência intelectual.</i>	2017	Tatiana Marcondes e José Alves da Silva.

20	<i>Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos.</i>	2017	Desconhecido
21	<i>O currículo como artefato de subjetivação: a abordagem social da sexualidade.</i>	2015	Elisangela Barreto Santana; Manuella Teixeira Santos e Silvaney Fonseca Ferreira Seabra.
22	<i>Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental.</i>	2015	Pedro Raimundo Mathias de Miranda; Francisca Estela de Lima Freitas e Caroline Nunes Silva.
23	<i>Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária de Guadalajara (Espanha)</i>	2015	Bruna Larissa Ramalho Diniz; Marcelo Maia Cirino e Eladio Sebastian Heredero